

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL
ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

**ANÁLISE DOS DISCURSOS PAUTADOS NO RAP COMO UMA MANIFESTAÇÃO
SOCIAL E POLÍTICA**

MATINHOS

2019

LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

**ANÁLISE DOS DISCURSOS PAUTADOS NO RAP COMO UMA MANIFESTAÇÃO
SOCIAL E POLÍTICA**

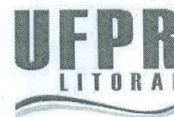
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Especialização em Questão Social na
Perspectiva Interdisciplinar, da Universidade
Federal do Paraná - Setor Litoral, como requisito
parcial para obtenção do título de especialista em
questões sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

MATINHOS
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor **Dr. Ernesto Jacob Keim**, realizaram em 28 de setembro de 2019 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Letícia Ferreira da Silva** sob o título "ANÁLISE DOS DISCURSOS PAUTADOS NO RAP COMO UMA MANIFESTAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de **Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar***, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 28 de setembro de 2019.

Dr. Ernesto Jacob Keim
Professor Orientador

Dr. Gleison Vieira
Professor Integrante

Dr. Luis Fernando de Carl Lautert
Professor Integrante

Letícia Ferreira da Silva
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

ANÁLISE DOS DISCURSOS PAUTADOS NO RAP COMO UMA MANIFESTAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

Letícia Ferreira Da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como base o estudo das questões sociais pautadas nos discursos de rap no Brasil, sendo analisado trechos de três composições interpretadas como um provável grito de protesto aos poderes públicos que pouco faz diante das truculências. O principal objetivo dessa análise, é mostrar ao leitor, que a linguagem trazida nessas composições, diante de tantas, mormente retrata como a população da periferia, sobretudo, negra, sofre preconceitos, julgamentos e injustiças. Enfatiza também, histórias de superação e de uma vida longe da criminalidade através do rap por intermédio da conscientização.

Palavras- chave: questões sociais – rap – manifestação – conscientização

ABSTRACT

This article is based on the study of social issues related to rap speeches in Brazil. Excerpts of three different compositions were analyzed and interpreted as a probable shout of protest against public authorities that do little in the face of truculence. The main objective of this analysis is to show the reader that the language in these compositions mainly portrays how the population of the periphery, especially the black, suffers prejudice, judgments and injustices. It also emphasizes stories of overcoming and living away from crime through rapping and awareness.

Keywords: social questions – rap – manifestation - awareness

¹ Pós-graduanda em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar - UFPR. Licenciada em Artes – UFPR.

“A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre o outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais. O que a humildade não pode exigir de mim é a minha submissão à arrogância e ao destempero de quem me desrespeita. O que a humildade exige de mim, quando não posso reagir à altura da afronta, é enfrentá-la com dignidade. A dignidade do meu silêncio e do meu olhar que transmitem o meu protesto possível.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	07
2. A ORIGEM DO RAP E A APROPRIAÇÃO BRASILEIRA.....	10
3. A CONSCIÊNCIA NEGRA NO RAP COMO EMANCIPAÇÃO SOCIAL.....	14
4. AS MANIFESTAÇÕES DO RAP CONTRA AS POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS.....	21
5. A EDUCAÇÃO COMO REFINAMENTO DA CONDIÇÃO HUMANA.....	31
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7. REFERÊNCIAS	36

Introdução

Este artigo é uma das perspectivas sobre essas questões pontuadas através do rap brasileiro, que expõe em suas canções a dificuldade de ser inserido em uma sociedade elitizada e estereotipada.

Em suas letras é sempre frisada os movimentos políticos governamentais, principalmente por não alcançarem todos os públicos, ressaltando a desigualdade social, cultural, étnica e econômica em que vivemos.

Dessa forma o Rap ganhou bastante visibilidade nacionalmente por volta dos anos 80, e mesmo que este gênero ainda seja marginalizado por muitos, a cultura é amplamente forte em território brasileiro, bastante respeitado por aqueles que tem empatia pelo ritmo ou que já são agregados dentro do movimento fazendo crescer cada vez mais.

Ao analisar as letras de rap, percebe-se que determinados grupos ou cantores solos do gênero, eram engajadas em compor letras baseadas na realidade periférica, como favelas, ou de bairros pobres com família humilde, e também de jovens que idealizavam o mundo cheio de oportunidades e igualdade para si mesmo ou sua família, porém, diante das dificuldades que os cercavam isso estava cada vez mais distante de realizar.

Grande parte das músicas traziam em seus versos críticas sociais fortes, vivas e que precisavam ser notadas e divulgadas, pois, nem todos tem acesso, e se tem, dificilmente escolherão o rap como destino musical por ser mal visto na sociedade, ainda que estejamos em 2019.

O ritmo ainda é associado popularmente com o tráfico ou apologia ao crime, maior parte das letras são mal interpretadas e na maioria das vezes, contam como fez o personagem não entrar para a vida do crime ou como a arte representada pelo rap o retirou da vida com caminhos incertos.

Dessa forma ocorre a resistência dentro do movimento, a favor da emancipação social, em favor do processo de humanização, e não da inferioridade quando se trata de assuntos como estes. Para Freire:

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. (FREIRE, 1979, p. 8).

De acordo com estes fundamentos, alguns rappers e seus grupos usam da arte para mudar a realidade daqueles que estão iniciando na construção do caráter, da educação, nas relações interpessoais, sempre priorizando a educação de forma íntegra dentro das comunidades que habitam e que cresceram vendo a falta de apoio.

Por outro lado, como o rap passou por várias misturas musicais, existem sim, grupos que compõe letras que fazem apologia ao crime, drogas, prostituição, etc. (ABRAMOVAY, 2004). Mas isso não quer dizer que todos sejam más influências. Até porque grande parte dessa mistura musical vê a música mais como comércio do que como resistência, protestando apenas de fora das situações que são observadas dentro das letras.

Geralmente o resultado desta mistura tem como efeito a prioridade em ser rico, ter melhores vestimentas, mudanças habitacionais, como por exemplo, determinados rappers oriundos dessa mistura, não todos, acabam migrando para bairros mais ricos, com a finalidade de ostentar fama e poder, mas usando de desculpas como o fato da favela oferecer riscos quando traficantes estão em confronto com policiais.

Portanto, estes cantores acabam deixando de frequentar a sua comunidade e ocasionalmente não se importam com a situação periférica, anulando a sua possível existência daquele coletivo. Mesmo que em suas letras haja protesto. Porém, um protesto sem atitude. O que contraria a resignificação de RAP na perspectiva de HOLLANDA (2012), onde a mesma cita o rap como “RITMO, ATITUDE E POLÍTICA”. Dessa forma existe o protesto, um discurso antissistema, mas sem a atitude, sem o devido posicionamento, apenas falas sem a prática, o que não se encaixa em resistência a favor de inserções, e também, contra um padrão social excludente.

A hipótese de falar sobre esse tema, surgiu como uma maneira de fazer as pessoas refletirem através da música sobre a nossa atualidade, logo após as eleições de 2018, onde o Brasil estava prestes a decidir quem iria governar o país.

Um momento crucial de decisão para aqueles que vem de família pobre e que está à mercê dos governantes, visto que, dependendo da decisão da população, seus direitos seriam retirados, e seus sonhos mais distantes de se tornar real, quase utópico.

Portanto, após se deparar com este cenário acontecendo em pleno território brasileiro, recém democratizado, depois de passar por períodos subversivos, cessando a monarquia semi autocrática e escravista e também períodos de golpes e terror como a ditadura, interpretei que toda luta e resistências no sentido de reconstrução de uma identidade e inclusões sociais, estaria indo por água abaixo.

Sendo assim, encontrei em algumas letras de rap não somente um grito de protesto cantado, mas também a resistência que o movimento quer de fato apresentar para a sociedade.

Resistência essa, que é a favor da emancipação humana, da liberdade, da atitude e que se posiciona em ações e construções, contando com práticas ativas com as comunidades, porque somente a militância caracterizada como um protesto, ou as fontes de conhecimento na teoria, não resolvem todo o caso, uma vez que, pontualmente, os professores que antes era um símbolo de respeito na sociedade, estão sendo nomeados como “*ditadores*” por informar e explicar atos sociais e atitudes governamentais com base em perspectivas ideológicas que inclui, sem parcialidades ou exclusão. De acordo com Freire (2011) “não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?”

Tudo isso em conjunto forma uma manifestação na educação cultural, social, política e econômica em prol daqueles que não estão inseridos nas classes dominantes do país, que buscam essa emancipação que vai além de

estereótipos como enfatizado nas letras, o descontentamento com o poder público, preconceito, desigualdade e racismo.

Através desses acontecimentos, notei a importância de falar dessas abordagens que a sociedade brasileira vem enfrentando, através do rap, com a finalidade de mostrar como a história de séculos atrás ainda se repete em dias atuais sob novas características, a partir de uma visão mais reflexiva e voltada para a humanização.

Sendo assim serão trazidas ao longo deste trabalho, trechos de três músicas de rap com os objetivos de apresentar o gênero para aqueles que desconhecem, primeiramente, com a finalidade de romper os pré-conceitos, mostrar a realidade periférica através das composições de quem vivenciou estes dilemas, mostrar a diferença entre o protesto e a resistência dentro do movimento, e, por conseguinte, conscientizar o leitor.

2. A ORIGEM DO RAP E A APROPRIAÇÃO BRASILEIRA

O RAP é um dos suportes mais carregados de protesto antissistema e manifestação que resiste a favor da liberdade de expressão do povo periférico e negro, dentro do movimento *Hip Hop*².

A palavra RAP, traduzido do inglês “Rhythm and Poetry”, cujo significado é ritmo e poesia (BARBOSA, 2005), iniciou na Jamaica nos anos de 1960 e foi levado para os bairros pobres de Nova Iorque, por volta da década de 70. No entanto, o rap também é uma abreviação de “Ritmo, Atitude e Política”, segundo (HOLLANDA, 2012).

Uma das maiores características desse gênero musical além das suas batidas aceleradas, são suas letras que na maioria das vezes é um protesto, trazendo informações sobre várias questões abordadas na sociedade (GUIMARÃES,

² O movimento *HIP-HOP* surgiu por volta de 1970 nos Estados Unidos, amparada pela música negra jamaicana.

1999). Mas, como citado anteriormente, esses protestos não são ativos na prática, deixando a desejar quando se trata do movimento.

Manifestar não é apenas fazer barulho, mas tomar um posicionamento a favor ou contra algo em prol de ações sociais para que mude a realidade e não que continue nas mesmas negligências.

Desse modo, os discursos citados giram em torno da população preta e/ou periférica e de suas dificuldades de inclusão, racismo e preconceito. Porém, o RAP passa por modificações e se agrega com outros traços musicais, como por exemplo, o gangsta (SALLES, 2007).

No movimento hip hop também está incluso a dança como expressão corporal, o break por exemplo (SANSONE, 1995 citado por BARBOSA, 2005). Também conta com o graffitti, bastante vistos nas paredes dos maiores e menores centros urbanos e comunidades, e tem a ver com essa culturalidade e expressões, sempre com a finalidade de denunciar alguma injustiça que muitas vezes são invisíveis aos olhos civis.

Além de representar a contemporaneidade, o ritmo também se embasa de fatores históricos e culturais, trazendo o conhecimento para suas letras, pontuando como os povos foram escravizados e como nada mudou diante dessa realidade presente. Segundo (ANDRADE, 1999, p. 87) “É um exemplo básico da transcendência negra: não importa onde estejam seus descendentes, há referências a culturas de origem africana que permanecem por gerações. ”

Portanto, podemos verificar que apresentar fatores históricos, se tornou uma das principais funções do RAP, além de enfatizar questões sociais antigas e presentes, abordar temas importantes que são ignorados, mostrando de forma genuína o que se passa nas classes baixas e seus obstáculos diante da sociedade (ASSUMPÇÃO, 2009).

Em meados dos anos 80, os brasileiros começam a desfrutar do ritmo, se apropriando do gênero, mais popular na cidade de São Paulo, bastante citada nas letras de RAP brasileira por suas violências e injustiças contra o povo. O ritmo foi bastante marginalizado, principalmente por sua fala cantada, retratando negligências voltada para a população (CANDIDO, 2000).

É notório que pouca coisa mudou nos dias atuais devido a tensão da realidade apresentada nas letras. Mas, não é somente isso que faz do RAP um ritmo mal visto pelos demais, e sim por ser cantado por pessoas de cor preta e periféricas, ou periféricas apenas.

Mas, quando cantada por uma pessoa branca, vemos uma diferença no quesito aceitação dentro da sociedade. Uma pessoa branca não recebe o mesmo julgamento que a negra. Aliás, recebe reconhecimento como privilégios em cima de uma cultura na qual não é a dela originalmente.

Tendo em vista toda fundamentação em fatos históricos, tomamos isso como apropriação cultural. Por exemplo, o negro cantando RAP é denominado como marginal, mas o branco que se apropria de uma cultura oriunda do povo negro é reconhecido como artista, propriamente dito.

Isto acontece em qualquer área. Não somente no rap. Qualquer pessoa pode se apropriar de alguma cultura, seja ela negra, como aceitação da identidade, ou branca, mas, os respeitos igualitários devem ser mantidos.

Dessa forma, é frisado neste parágrafo que toda apropriação cultural vinda dos negros devem sim ter total reconhecimento na sociedade, enaltecendo também o povo da sua etnia, não os excluindo, e sempre como foco principal, enfatizando os fatores históricos, sociais e culturais trazidos em suas culturas.

Alguns dos grupos e cantores rappers mais sublimados do cenário brasileiro são: RACIONAIS MC'S, fundado por volta de 1988, formado por Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue com o Dj KL JAY. É considerado o maior e mais influente grupo de RAP do Brasil. Logo mais vem Gabriel, O pensador. Conhecido pela improvisação das letras e também pela música "Tô feliz! Matei o presidente" onde cantava uma ficção sobre o presidente da república da época, Fernando Collor de Mello, no ano de 1992; Kleber Cavalcante, mais conhecido artisticamente como Criolo, afamado por suas críticas e ironias de forma sutil; Djonga, um dos artistas mais prestigiados atualmente no gênero musical, responsável por letras pesadas com críticas sociais fortes e ADL MCs, um grupo de rappers formado por DK e Lord em Teresópolis, RJ. Registrada como a cidade que mais possui comunidades no Estado.

Estes são alguns dos artistas mais referenciados nacionalmente por fazer do rap, uma resistência, ao fazer críticas aos descasos para com a população, e ao mesmo tempo realizar atividades que mudem nem que seja 1% da realidade que sofre com ausências governamentais, familiares, afetivas, dentre outras. Além destes, existem outros artistas e rappers que também mantêm o mesmo papel e desempenho dentro do movimento.

Particularmente, é sensato reconhecer que dos anos 80 até o momento presente, o RAP foi e está sendo reconhecido perante a sociedade como um gênero musical tanto quanto qualquer outro.

Pode-se dizer que o RAP vem quebrando muitos pré-conceitos na sociedade. Essa cultura mostra como o negro é discriminado. Bem como Guimarães declara:

Primeiro, porque a discriminação racial, à medida que se ampliavam os mercados e a competição, também se tornava mais problemática; segundo, porque os preconceitos e os estereótipos continuavam a perseguir os negros; terceiro, porque grande parte da população “de cor” continuava marginalizada em favelas, mucambos, alagados e na agricultura de subsistência. (GUIMARÃES, 2002)

De outra forma, ainda se vê e se ouve muitos relatos irracionais contra quem ouve desta música, ou para quem faz do RAP a sua cultura, como por exemplo, de que são pessoas desinformadas ou ignorantes, principalmente por residirem em favelas, ou comunidades como a mídia declara, e também as vestimentas que acometem ao movimento, como roupas mais largas, tatuagens, acessórios, etc, sendo assim, um dos paradigmas que devem ser desconstruídos por meio da educação. Pois, para elaborar uma letra de rap com base em fatores histórico e culturais, precisa-se ir atrás do conteúdo, aprender para poder protestar e resistir a favor de equidades.

Mesmo com toda a rede de conhecimento por meio das tecnologias, ainda se observa muita falta do entendimento sobre variados assuntos, resultando em

apropriação de falas mediadoras de pessoas que não se aprofundam. Assim começa a disseminação pela massa, ocasionando os pré-conceitos.

Os protestos contra as desigualdades que não são atuais, e vem de gerações passadas e sangrentas, sob várias formas e também no estilo musical oriundo da Jamaica, remete em seus versos que não importa o que aconteça ou o quanto a sociedade evoluiu economicamente, enquanto as desigualdades não forem revisadas, a sociedade só vai evoluir para as classes dominantes, em razão disso, para os pobres, ela estará sempre regredindo, mostrando a realidade desumana que os restaram.

Ou seja, a luta por assegurar direitos não se deve parar em nenhum momento, principalmente se aqueles que buscam um objetivo hoje já alcançaram metas desejadas, pois, é necessário pensar naqueles que vem posteriormente e assim sucessivamente. Isso é resistir em meio a tantos desconfortos implícitos na sociedade.

Somente dessa forma, como vem sendo de geração a geração, em determinado momento da história, pode ser que o sistema e a emancipação social e racial aconteçam, se tornando totalmente igualitário.

3. A CONSCIÊNCIA NEGRA NO RAP COMO EMANCIPAÇÃO SOCIAL

“Um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes.” - Marcus Garvey ³

O movimento negro e sua consciência, é a luta dos negros em prol do reconhecimento cultural, social, político e educacional. A luta representada pela

³ Marcus Garvey é considerado um dos maiores ativistas negro jamaicano.

união de coletivos para alcançar estes objetivos é densa, visto que, o Brasil ainda é um país racista, mesmo que seja indiretamente. (PINTO, 1993)

A junção da consciência com a emancipação, partindo dos fatores históricos, mostra que o negro ainda não está totalmente inserido como ser humano na sociedade. Mas também não o torna inferior por mencionar determinados atitudes reais que os acometem no dia a dia, como isso tudo influencia e torna dificultoso cada vez mais a entrada para o mercado de trabalho, campos educacionais ou quando são submetidos às piores condições humanas.

Tudo isso expõe que, mesmo com o período de escravidão já terminado, a pessoa afrodescendente ainda é escravizada na sociedade, abusada e violentada de forma brutal. Seja homem ou mulher.

Da parte dos homens, muito se vê quando o mesmo é confundido com algum bandido, por mais branco que seja o bandido, quem está na mira é o negro. E quando mulher, a mesma passa por abuso psicológicos, sexuais e domésticos, simplesmente pelo fato da cor da pele ser preta. Sem contar o abandono parental e afetivo. Principalmente quando se tem filhos.

Ambos sofrem racismo desde a sua infância, passam pela fase adulta e chegam à terceira idade em silêncio, porque tomam isso como algo banal, como se fosse normal passar por todas essas indiferenças sem questionar seus direitos ou a valorização da sua existência que não difere de outrem.

Estes em algum momento da vida tiveram sua humanidade roubada, e ter a consciência de quem é na sociedade, unido com culturas que incluem, devolve essa humanização por meio da educação, da solidariedade, do acolhimento.

A militância dentro dos movimentos a favor do reconhecimento negro vem crescendo cada vez mais junto às suas práticas, e isto é um dos pontos importantes, já que o negro é marginalizado e visto como uma pessoa não digna de se apresentar diante de uma sociedade com padrão eurocêntrico até o presente momento. Segundo Andrews:

“seja politicamente em decorrência das limitações da República no que se refere ao sufrágio e as outras formas de participação política; seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do

racismo científico e da “teoria do branqueamento”; seja ainda economicamente, devido às preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus.” (ANDREWS, 1991)

A emancipação social negra vem construindo e se reconstruindo cada vez mais, uma vez que, pessoas com essa identidade afrodescendente ainda sofre discriminação diária e em todos os locais imagináveis.

A cultura negra no Brasil é amplamente forte, engajados por várias manifestações sociais, ritmos, dança, levados de pluralidade como a capoeira, o samba, o rap, etc.

Mas mesmo com toda essa diversidade cultural e cheia de riqueza herdada pela matriz africana, com ela também vem a negação por parte da sociedade que associa o preto como algo sendo não espiritualizado, de má fé, engenhoso, por parte dos intolerantes.

A emancipação tanto pela cultura como pela questão racial, se dá, primeiramente, a partir do momento em que o negro tem consciência de que é negro, e que pode realizar qualquer atividade perante a sociedade.

Dessa forma, percebemos o quanto é necessário falar das negligências que se acometem perante essa etnia, para que sejam revisadas e, preferencialmente, solucionadas, sendo aceitos onde forem, tendo a liberdade de transitar livremente sem que haja desconfiças, preconceitos, julgamentos e violências. E além de tudo, mostrar que podem fazer o seu melhor, e que a cor da pele não interfere na qualidade de qualquer ação realizada.

A ideia de trazer o rap como porta voz da realidade do povo negro e periférico ou de bairros pobres, apenas, é que faça a população refletir sobre como o negro é excluído das ações comuns em sociedade, simplesmente pelo fato de que nossos ancestrais terem sido brutalmente escravizados no passado por não ser considerado como alguém digno de ser humano como os outros pela sua cor da pele.

Percebemos estes reflexos diariamente, quando são ignorados, ou descendentes de colonizadores se apropriam da cultura africana e acabam recebendo os holofotes para si, sabendo que quando são os negros assumindo a sua identidade, são vistos como marginais.

A luta e a resistência contra um sistema aristocrata e eurocêntrico continuam. O rap faz com que conheçamos a nossa história, cultura e ancestralidade através da arte. Nos aproximando da nossa verdadeira essência e identidade pessoal enquanto ser humano.

E quando se trata de luta e resistência, o grupo RACIONAIS MCs mostra com excelência em suas composições como são os reflexos da sociedade elitizada, estereotipada e excludente para com a população negra.

Neste capítulo, foi selecionada uma música do grupo paulistano, chamada: Negro Drama. Negro drama é um personagem narrado na primeira parte por Edy Rock e na segunda parte por Mano Brown, trazendo a realidade da sua história:

“Negro drama, entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura”

Encetando-se do ponto histórico, a maioria dos negros carregam com si feridas que jamais serão fechadas devido o racismo que ainda existe, onde os mesmos ainda são vistos como sinônimos de escravos perante a sociedade.

“[...] Negro drama, tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança[...]

Na sociedade muito se fala de programas e projetos sociais de inclusão para pessoas de baixa renda, mas, ao sair dessa redoma e se deparar com o mundo real, poucas são as chances que uma pessoa pobre tem de se encontrar nesse corpo social, ainda mais se a mesma for preta e mulher. O que não se encaixa nos padrões que o corpo social procura. Justamente por ser elitizada e principalmente estereotipada.

Ou seja, exigem pessoas que tenham uma classe social favorecida, acima da linha da pobreza, de preferência magra, cor da pele e olhos claros. Como segue o padrão eurocêntrico.

Por exemplo, entre uma pessoa cujo padrão de beleza é este citado acima e uma pessoa que está diante da linha da pobreza, sem condições financeiras o suficiente para amparar o indivíduo, os padrões não pensam duas vezes para quem ceder a vaga, mesmo que aquele que seja preto e pobre tenha estudado de forma igualitária ao branco

Vivemos tempos árduos em relação ao ser humano, e isso não aconteceu de uma hora para outra. Toda essa construção da ganância vem de anos anteriores, onde as pessoas querem ser exaltadas a todo instante, ou sobressair diante do outro, dessa forma, NEGRO DRAMA acentua a questão da falsidade, do ombro amigo e amparo que lhe é negado tanto na vida pessoal como profissional em momentos de dificuldades. Como expõe:

“[...] Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido
O drama da cadeia e favela
Túmulos, sangue, sirene, choros e velas [...]

Se analisarmos a letra partindo do ponto dos fatos determinantes da história, tudo o que sobra para os pretos é o resto. Principalmente quando o assunto é dignidade. Como viver com dignidade quando tudo o que os oferecem são ambientes sórdidos e hostis?

Ainda assim, RACIONAIS MCS trazem em suas letras histórias de superação e que, por mais que a sociedade e seus governantes não deixem saídas ou portas abertas, é necessário se fazer uma pessoa digna, falhando e corrigindo, correndo por si próprio e de maneira honesta, sem esperar algo ou fazer o errado para obter alguma coisa na vida.

NEGRO DRAMA retrata, inclusive, que mesmo sem reconhecimento o pobre, preto, excluído devido seus ancestrais terem sido covardemente escravizados, consegue ter uma vida decente quando se trata de caráter, pois, nada é justificativa para ser um sujeito boçal como a maior parte dos coletivos pensam, essencialmente a elite. Portanto, o drama encaixado na letra vem desde a colonização até o período presente, vistos nas famílias carentes, sem subsídios para viver ou ao menos sobreviver.

Principalmente quanto os anos passam e nada muda. Usando de exemplo o atual governo que apoia ideologias totalmente excludentes, nada mais é do que a cadeia ou a morte para essa população. Mas isso é o que o sistema quer, porém, não é o que o movimento procura. Como especifica o rap:

“[...] Desde o início por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural

Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então, olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão [...]”

Nota-se que, o que restou para aqueles que mais contribuíram na construção da sociedade desde o século XV - período este que iniciou a escravidão pelos portugueses - foram sobras.

A cada invasão de terra ocorrida pelos colonizadores, havia derramamento de sangue de inocentes, e a história continua até hoje. De diversas formas, tanto na parte das injustiças contra o negro, e outras minorias, quanto nas invasões de áreas protegidas, de queimadas, como acompanhamos atualmente no nosso território brasileiro.

O sistema falha com grande parte da população devido o capitalismo fazer do homem, alguém indigno, que consegue enxergar apenas o que é bom para si mesmo, dessa forma, deixa a desejar funções que seria de extrema importância para a sociedade.

Mano Brown, conta como foi difícil para sua mãe cria-lo na cidade de São Paulo, diante de todo desamparo social e financeiro que uma mãe negra e solteira enfrenta, principalmente quando a empatia vem por último.

“[...] Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha

Daria um filme
Uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro, sem rosto e coração

Ei, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo [...]”

A partir desses exemplos, diante da realidade em que eles se encontravam, para a nata, todo favelado tende a ser mais um vagabundo, bandido ou ameaça para a sociedade, e que o seu futuro deveria estar traçado como presidiário ou como cadáver, como cita a letra já no início.

Marcado por toda a resistência na vida para chegar onde chegou, Brown relaciona sua existência com uma joia vinda da lama, o diamante. O rapper quer mostrar que mesmo sem muitas oportunidades, sem condições para ter uma vida estável no início, pouco à pouco foi crescendo dentro do rap e como homem, com falhas como qualquer outra pessoa, podendo dar mais conforto à sua família e apoio, e como consequência disso, mostra como é desumano os contrastes vividos no Brasil. Como aponta:

“[...] E de onde vem os diamantes? Da lama
Valeu mãe, negro drama
É desse jeito que você vive, é o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama [...]”

Ao final da música, após cantar os dramas que o negro ainda vive na sociedade brasileira, partindo da história da sua vida, por conta dos abusos sofridos por ancestrais e refletidos no tempo presente, Brown ainda faz uma dedicatória à sua mãe que foi uma das maiores inspirações para a sua vida.

“Aí Dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha”

4. AS MANIFESTAÇÕES DO RAP CONTRA AS POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS

O rap é citado no texto como sendo um dos pilares quando se trata de manifestação social. Suas letras são usadas sob forma de conscientização de quem as ouve, e também a interpretação de forma racional diante da realidade, direcionando-se contra o sistema público que pouco faz para os povos mais necessitados.

Diante dessas linguagens, foi selecionado para este capítulo, a letra *Favela vive 2 e 3*, do grupo ADL (além da loucura), fundado por Dk e Lord, para realizar as análises sobre este tema.

Lembrando que as letras remetem ao descaso, o despreparo com a população menos favorecida na sociedade, envolvendo fatores como negligências, preconceito, racismo, violência e injustiças.

ADL – além da loucura, é formado por dois homens que já foram do crime e usaram o rap como recurso de saída da criminalidade. Compõe suas letras embasadas na realidade da favela e indo contra as ideologias do sistema excludente.

O grupo como é composto na trilogia de músicas com o título de *Favela Vive*, tem o objetivo de fazer as pessoas enxergarem como o racismo e a truculência existem, principalmente quando se trata de luta de classes, luta das minorias que

buscam apoio governamental para ter seus direitos assegurados, podendo viver como qualquer cidadão honesto.

Também fundamenta que o direito humano é válido até mesmo para aqueles que querem abandonar o crime, visando a entrada para mercado de trabalho e em qualquer área, e a viver como alguém digno.

Favela Vive 2 retrata em como a população periférica e negra, sofre com os preconceitos vindo não só da sociedade, mas também, por parte dos líderes do Estado, a letra discursa sobre como a ausência de oportunidades de inclusão social faz com que a única saída restante para minorias desfavorecidas é o crime.

Em contrapartida às sobras na civilização, referem-se também, ao fato de usar dessas dificuldades como um impulso para vencer obstáculos e viver com honra. Superando falhas que os acometem no cotidiano. Segundo a parte cantada por BK:

“[...] Às vezes cego e não quero ser guiado pelo cão
Não preciso de um pastor alemão
Eu lucro fazendo dinheiro, mas ganho fazendo meus irmão pensar
Somos iguais, não vamos nos matar
lih, o crime te chama rapaz
Não se entregue de vez, negue de vez
Não seja burro igual meu pai
Não viu a coisa mais inteligente que fez
E o Estado, estado crítico, tem me detestado e é recíproco [...]”

O rapper pontua que ganha dinheiro fazendo música e isso faz com que as pessoas dentro e fora do seu círculo social reflitam através dessa arte, como funciona na prática a realidade periférica em contraste com a elite, e como tudo isso interfere no dia a dia de um indivíduo.

Além disso, aponta por meio do personagem contado no discurso que a vida na criminalidade não deve ser seguida, citando o pai como exemplo, que entrou para o crime, mas não deu tempo de conhecer a “*coisa mais inteligente que fez*”, o filho.

Por outro lado, também cita o Estado e suas falhas vindo dos governantes que pouco fazem para mudar essa realidade, distanciando cada vez mais as possibilidades de aceitação e inserção das classes baixas, inviabilizando propostas para a educação, o bem-estar, saúde e entretenimento do povo. Assim como as declarações do outro membro do grupo apelidado de Funkero, apontam:

“[...] nos empurram todo dia goela abaixo
Ódio, medo, desespero e incentivo à violência
Dizem que somos bandidos
Mas quem mata usa farda e exala despreparo e truculência
Cada beco da cidade guarda um pouco da guerra
Com projéteis que acerta, com projéteis que erra [...]”

Coerentemente, é perceptível nessa fala do rapper, fatos ocorridos diante das favelas, com alto índices nos últimos meses após a eleição do novo Presidente do Brasil, onde já nas suas propostas eleitorais, sinalizava como sendo à favor da atitude imprudente por meio da frase “bandido bom, é bandido morto”.

Mas, a consequência de uma sociedade comandada por aristocratas e manipulada pela mesma, é de que o “bandido” da história que acabaria sendo morto, nada mais é do que alguém de cor preta, da periferia ou de qualquer área da cidade que convém aos agentes estarem. O pai de família que retorna do emprego em horários noturnos, o filho que sai para se divertir e não volta para a casa, ou adolescente que foi jogar bola na esquina, etc.

Policiais que demonstram total despreparo em relação a população periférica, julgando como bandido qualquer pessoa que não se encaixa dentro dos padrões civis da nata.

Por conta desse preconceito que já está incorporado na segurança pública, toda desqualificação traz grandes impactos, gerando mortes de inocentes por meio de balas perdidas, ou morte por “acidente” de algum morador que não tem nada a ver com o crime e foi confundido. E isto não só acontece dentro das favelas como nos centros urbanos e seus bairros.

O rapper ainda enfatiza sobre a falta de recursos públicos que beneficie aqueles que não tem condições de bancar os custos de uma educação mais completa, que mostre a ele, outra visão de mundo, sem que apoie desgovernos manipuladores diante da massa, devido à falta de estímulos que impede o mesmo de crescer em conhecimento, pois, o mesmo tem que trabalhar para ajudar no sustento da família, sendo assim:

“[...] Ninguém incentiva um favelado a ler, escrever
Nós já nascemos preparados pra morrer
Nos proibiram de sonhar, se foderam
Somos o monstro que vocês criaram, seu pesadelo
Essa porra é um campo minado
PM aplica pena de morte com o aval do Estado
Quem tá certo, quem tá errado?
Só sei que o alvejado é sempre o favelado
Quantos irmãos tombaram cedo demais
Favela vive sangrando, implorando por paz! [...]”

As evidências apresentadas nestes versos, são de desdém com os moradores das favelas, desde a educação básica, onde as pessoas se apropriam do medo de sair de casa, sabendo que podem ser julgados ou mortos em alguma troca de tiros entre a polícia e os traficantes.

Quando é citado na música “*somos o monstro que vocês criaram, seu pesadelo*”, tomam como “*monstro*” aqueles que contam abertamente a realidade da favela, sem cobrir a verdade ou omitir alguns acontecimentos, referenciando novamente a forma como os governantes determinam se pode matar ou não algum cidadão.

Dentro dessas injustiças verídicas que se trata a música, lado a lado com a realidade periférica, observa-se nitidamente os contrastes sociais na civilização, pois, se as pessoas que estão na mira daqueles que se descrevem como segurança pública, e não se encaixam dentro do estereótipo adequado, caracterizado como cidadão de bem, como declara o atual Presidente do Brasil, é provável que seja abordado, enquadrado e até mesmo alvejado friamente sem ao menos um direito de se defender.

Segundo outro rapper que compõe o grupo nessa música, MV BILL:

“[...] Papo de realidade, vários não chegaram na minha idade
Não dá pra acreditar que vai mudar
Se trocar o nome de favela pra comunidade
Pouco importa a nomenclatura se falta cultura [...]”

Na menção que Mv Bill faz em seus trechos, reflete a questão social que mais se vê ausente pela mídia e governantes. A falta de empatia e reconhecimento que o povo do subúrbio é tão ser humano quanto aqueles que moram em mansões.

Então é comum ver pessoas da alta sociedade e também líderes políticos, chamando a favela de comunidade, como se o que acontecesse por lá fosse normal, ou melhor, como se matar uma pessoa, cuja etnia seja afrodescendente, fosse comum, como se fosse nos tempos antigos, ou como forma de eugenia étnica e social.

Mas o que a mídia não mostra, é que os fenômenos que ocorrem neste ambiente são de total crueldade para com os habitantes que ali residem. Como protesta a seguir:

“[...] Vários amigos que foram abatidos pela cor da pele
Tática inimiga, bota a bala pra comer e menos um *nigga*
Atiram na nuca primeiro, derrubam certo, pra perguntar depois
A mídia não cala a nossa voz
Favela vive parte 2.”

A continuação dessa música, chamada de *Favela Vive 3*, vem com um pouco a mais de peso, violências e perdas. Trazendo em questão como a política influencia no modo de viver das pessoas. Onde o mau caráter se sente liberado a cometer truculências e as pessoas que sabem conviver diante do corpo social, saem como vítimas. Assim como mostra o discurso posteriormente:

“[...] Sempre marca operação com a porta da creche lotada
Mais uma mãe revoltada, uma pergunta sem resposta
Como o policial não viu seu uniforme da escola?
Vinicius é atingido com a mochila nas costas

Como é que eu vou gritar que a favela vive agora [...]"

Marcos Vinícius era um adolescente de 14 anos, negro, morador da favela da maré – Rio de Janeiro. Foi alvejado pelas costas numa troca de tiros entre policiais e traficantes enquanto ia para a escola.

Este discurso trata de uma das seguintes barbáries que foi cometida no Brasil recentemente, como sendo um dos mais tristes. Dk questiona se a polícia realmente não enxergou que a pessoa que transitava naquele momento era um filho, um aluno e alguém que não representava ameaça alguma. Um ser humano ainda em desenvolvimento, cheio de idealizações pela frente. Que teve seu futuro perdido por desqualificação profissional por parte dos agentes, como relata os moradores em depoimentos.

Complementa ainda sobre outras ocorrências:

“[...] Cocielo fez piada, mas no beco ninguém riu
Tava ensinando racismo pra um público infantil [...]"

Júlio Cocielo é um youtuber, muito visto pelo público infantil e adolescente, e no período da Copa, mencionou um jogador negro da Seleção Francesa como alguém que faria um bom arrastão pela praia.

Partindo da sua influência e de como as crianças e adolescentes que já estão inseridas numa educação defasada, com o ínfimo de respeito ao próximo, nota-se que o racismo é quase inexistente partindo da visão do influencer, ainda que a frase dita pelo youtuber seja carregada de discriminação: “*Mbappé conseguiria fazer uns arrastão top na praia hein*” diz.

Diante desses casos repugnantes, é ressaltado pelo rapper Djonga, mudanças que pouco faz diferenças na vida da população, na qual assuntos relevantes perante o povo não são definidos, deixando a desejar e a mercê de lado partidário denominado como Direita e Esquerda, como transcreve:

“[...] De Pedro Cabral à Sergio Cabral
Gente, vocês deram red bull à cobra
Construindo mudanças substanciais
Pedreiros da cena, sem te cobrar nem mão de obra, é
Esquerda de lá, Direita de cá

E o povo segue firme tomando no centro
Onde a tristeza do abuso é pra maioria
E o prazer de gozar sobra pra 1% [...]"

Partindo da linha da desigualdade racial no Brasil, Djonga também expressa como acontece grande parte das iniquidades, relacionando o modo como um preto se veste da mesma forma que o branco.

No Brasil, infelizmente é comum ver os casos de desrespeitos e importunações quando se compara um preto de um branco. Quando ambos ficam lado a lado, vestindo as mesmas roupas, ou quando as contas bancárias são similares, as pessoas dão preferência aos brancos do que aos pretos, devido a marginalização e todo um preconceito que o preto sofre na civilização.

E muitas dessas pessoas preconceituosas também são negras, porém, sem assumir sua verdadeira identidade e ancestralidade, ou não se reconhecer como negros na sociedade, justamente por não sofrer ou não compartilhar das mesmas dificuldades. Expõe:

"[...] Meu pai me disse: Cuidado com essa pochete e esse cabelo loiro
Meu filho, cê num é branco
Geral vestido igual, mas os canas te olharam diferente, eu só lamento
No banco de trás cê vai sentir o solavanco [...]"

Diante da polícia, não é o branco quem vai sofrer discriminação, a menos que ele seja pobre, mas ainda assim, é o preto quem será mais interrogado, apalpado e algemado. Isso quando não apanham e passam por várias humilhações a partir do abuso de autoridade. Como complementa o rapper:

"[...] Eu sei, eu sei,
Parece que nós só apanha
Mas no meu lugar se ponha e suponha que
No século 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro
E você é negro que nem eu, pretin, ó
Não ficaria preocupado?
Eu sei bem o que cê pensou daí,
Rezando não tava, deve ser desocupado
Mas o menó tava voltando do trampo
Disseram que o tiro só foi precipitado [...]"

Visto que, estatisticamente, o número de pretos que são mortos diariamente é o triplo que o número de brancos, é necessário dizer que, o rap não só conscientiza, como divulga dados sem omissões, mostrando como a luta de classes ocorre, expondo ao mundo que a realidade de muitos não é simples como a mídia mostra e que nem sempre os casos majoritários é a sede ou a fome, mas sim a falta de respeito.

Assim como Dk, na primeira parte, Lord também traz para a composição, a história das letras. Conta sobre como coloca as vivências na favela, da brutalidade e perversidade, de um modo que faça o ouvinte ou leitor, sentir a sensação e angústia das bestialidades que ocorrem no ambiente. Por conseguinte:

“[...] Entre o crime e o rap
Click-clack
Nasce um som, morre um moleque
História triste sem snap
Quem é guerra quer paz
Vocês querem músicas sobre armas
Escrevo sobre traumas
Pra ouvidos que têm almas
Que é isso?
Foi tiro do blindado que acertou Marcos Vinícius
Caído ali, sem árbitro de vídeo
E vocês quer sustentar o hype
Comparar o melhor flow
Viram três Favela Vive e não viu o quanto ela chorou
Parei pra respirar por um instante
Mas quando olhei pro céu só vi os tiros de traçante
Pensei meu Deus, quem dera fossem as estrelas cadentes
Que o sangue que escorresse não fosse de um inocente
Seria o bastante
Evangélicos e bandidos
Que têm cara de bandido
Alguns de nós pregamos fé, estamos divididos
Mesma raça, mesmo sangue, mesma cor
Morrendo pelo que não tem valor
E eu não saí nesse retrato
Escrevo um desacato

Resposta é minha pena sem fiança
Os professores do assalto
À La Casa do Favelado
Revistam a mochila das crianças
O bonde do mal passou
E eu disse hoje eu não vou
Preciso escrever uma matança
Avisa a minha mina que hoje eu vou me atrasar
E guarda os nossos filhos onde a polícia não alcança [...]"

Lord mostra como não há idade para ser visto como mau e bom, mas que o lado mau é sempre aquele que não tem condições, que vai contra o sistema, que faz da militância, um modo de visão e protestos para acontecimentos que a mídia tenta abafar, assim como o caso de Marcos Vinícius, declarado pelo rapper.

Como finalização dessa parte da música Favela Vive 3, o rapper Choice apresenta as dificuldades de vencer os obstáculos sem ser pelo modo mais fácil, como oferece a criminalidade.

Questionando o sistema educacional e sua inconsistência, tornando maior à propensão de evasão escolar do que o ingresso, devido os métodos tradicionais que se baseia em números e notas.

Dessa forma, relata:

"[...]Quem segura um fuzil quando o menor sonhava em ser jogador
Mas, sem dinheiro, não decola
Sem dinheiro são poucas escolhas
O favelado na favela vive dentro de uma bolha
O favelado na favela vive e sobrevive nela
Eu sou o favelado que vive pela favela, porra!
A escola me reprovou de série, mas a rua me aprovou pra ser representante
dela
Se a sirene sinaliza a dor, atira o sinalizador pra explicar que hoje é guerra
Matei o presidente pra que o povo se rebele
Gritei Marielle, presente! Essa bala também me fere
E esse tiro fere cada morador que já teve um sonho frustrado
E só quem é vai sentir na pele

E eu prego a fé, independente da crença
É a nossa dor que alimenta as reportagens da imprensa
Me diz, o que custa pedir licença? [...]”

Poucas pessoas realmente fazem a diferença quando o assunto remete à questões sociais no Brasil e direitos humanos, principalmente quando se trata de coletivos menores como questões LGBTQ+, movimento negro, etc.

Uma delas como citada na última parte da estruturação musical, bem como um grito de protesto, foi Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco. Mulher, negra, homossexual, Socióloga, eleita a vereadora e a assessora parlamentar, militante, também vista como símbolo do feminismo no Brasil, do empoderamento negro, dentre outras causas.

Marielle, sempre buscava soluções para os problemas dentro dos coletivos que não eram atendidos por outros dirigentes governamentais, principalmente por denunciar abuso de autoridade por parte de policiais e prestar apoio à famílias das vítimas. Assim como também prestava total auxílio à policiais vitimados.

A socióloga foi covardemente assassinada à tiros, juntos com seu motorista em março de 2018. E nada consta até a presente data, sobre quem mandou matar Marielle. O caso está sob investigações.

Também é apresentado nessa parte da música, como a falta de recursos pautado no início do capítulo, interfere no desenvolvimento educacional, essencialmente quando se é criança onde se imagina cheio de ideias.

Choice aponta as falhas do sistema como algo difícil de reverter, e se comparado o momento atual, se tornará cada vez mais difícil, visto que a prioridade é para quem já tem poder aquisitivo e não para quem está buscando formas de ter um acesso à educação de forma íntegra e gratuita.

5. A EDUCAÇÃO COMO REFINAMENTO DA CONDIÇÃO HUMANA

A educação está presente em todas as situações do cotidiano e também quando estamos sozinhos, como agimos com nós mesmos, como nos aceitamos ou julgamos, podendo também dizer sobre como agimos com o outro na ausência do mesmo.

Existem várias formas de educar, desde tradições familiares, culturalidades, religiosidades até nos mínimos diálogos que produzimos diariamente. Podendo haver mudanças em pré-conceitos através de novos conhecimentos.

Educamos em todos os lugares e nos permitimos sermos educados pelas pessoas que também transmite seus saberes. É um ato totalmente recíproco quando se tem claro o intuito da educação na sociedade. Aprendemos a educar e nos educamos enquanto nos ensinam.

Isto também acontece quando tratamos de vários assuntos e temas sociais pertinentes e presentes de forma correta e mais do que tudo, justa, que tem a necessidade de ser falado sem que as pessoas se sintam culpadas ou levem o título de “vítimas”. Partindo dessa perspectiva, temos o dever de sermos educados a partir da fragilidade do outro, sendo solidário e humanizado para que desta forma o outro também se humanize.

Essas transmissões de ensinamentos e aprendizagens que chamamos de educação está presente em todas as áreas da vida humana, a todo momento, com todas as pessoas ao nosso redor e também com os animais, todo mundo tem algo a ensinar e todo mundo tem algo a aprender. Este ciclo sempre será renovado de diversas formas.

Educa-se dentro de casa quando os pais ou algum familiar ensina a ter responsabilidades, a crescer de forma correta sem se tornar mau caráter, sem trapacear. Isso é necessário na evolução do processo de humanização e emancipação de sistemas que aprisionam. Dessa maneira, a educação é a única porta para um futuro digno. Sem isso, não chegaremos à lugar algum senão a um fim da humanidade no sentido de desamor.

Educar é amor, mas será que eu estou educando bem o meu próximo? Quais exemplos eu passo? Será que eu aprendo com essa sensibilidade ou aprendo com dureza? Como o outro me vê na perspectiva da educação? Será que todas essas questões são válidas na composição da nossa persona? Do nosso ser? Particularmente, eu diria que sim.

A partir dessa consciência que permeia a questão da educação do nosso ser e do próximo ou do outro para com nós mesmos, vejo o quanto isso influencia em todos os sentidos, seja na visão de mundo de modo geral ou específico como vem mostrando as letras de músicas apresentadas neste artigo e situações que ocorreram de fato.

Todo ponto de vista deve ser tocado com muito cuidado, sem que haja a falta da educação, a insensibilidade com o outro e seus motivos na quais recorrem às lutas e resistências.

Pois, cada pessoa tem uma visão de mundo diferente, e mesmo que os conceitos se pareçam, em algum momento haverá divergência devido às perspectivas de vida e vivências serem totalmente diferenciadas de acordo com as situações que passamos, ou que não passamos e cometemos a falha de apontar opiniões de fora de um meio determinante.

Um dos costumes mais errôneos que o ser humano comete, é o de julgar o outro a partir de suas realidades. Sendo assim, a questão é: mas se nós estivermos totalmente equivocados sobre tal situação, como fica o outro? Como o acusado se sente? Como você age em uma situação onde a sensibilidade em compreender o outro é inexistente?

A partir disto, precisamos sempre entender que existem pontos de vistas diferentes e que devemos escolher em partilhar os pensamentos de forma humanizada, com falas sem ódio e sem acusações precipitadas, podendo devolver o outro a humanização que lhe foi roubada como acontece nos casos de opressões sociais, dentre outras.

Pessoas amargas oferecem amarguras devido esse processo de desumanização em algum momento da sua vida, e só podemos devolver sua humanidade de forma justa através da educação.

Paulo Freire nos transmite em seus conhecimentos a contribuição na nossa formação enquanto indivíduo, enquanto discente, enquanto humanos. Também na formação docente e na nossa educação de modo geral e de forma positiva.

Em suas falas, Freire nos mostra que não devemos, jamais, julgar o próximo como inferior ou superior simplesmente pelo fato da condição humana em que o indivíduo se encontra, como declara:

A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais. (FREIRE, 1996)

Isso me lembrou um dos trabalhos acadêmicos como finalização do curso de licenciatura em artes, realizado com moradores de rua no município de Pontal do Paraná. Onde pude me reeducar com as vivências e histórias desses moradores.

Observamos que, nenhum deles se imaginou naquela situação antes de passar pela mesma, não pediram para estar ali e mesmo com toda essa negação de humanidade vinda de todos os lados, principalmente na ausência de apoio político público local, não nos deixam de ensinar algo e muito menos de aprender.

Pois, na rua a realidade é outra, nem sempre favorável à vida, mas aprendem a resistir de várias formas contra a desumanização que os cercam, mas a favor de suas existências, ainda que vivam em ambientes hostis.

Dessa maneira podemos compreender essas questões abordadas nesse artigo como um processo de resistência a favor da vida, do amor, da humanização. Trazendo situações do cotidiano e também a prática educativa de que não existe inteligência maior, conhecimento maior como muitos querem impor. O que existe são saberes diferentes, vivências, experiências onde um deve aprender e educar com o outro.

Nesta reciprocidade, deve-se entender que o conhecimento que tal indivíduo possui não é o único, alcançando assim o auge da educação enquanto ser. Isso gera a humildade e não a arrogância. Todas as pessoas têm algo a ensinar e a aprender.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, é imprescindível a conscientização a partir do rap brasileiro, já que o gênero traz um olhar mais crítico para a sociedade, principalmente quando a mesma se nega a enxergar seus acontecimentos, ou quando a mídia esconde da massa o quanto sofre os pobres e negros neste país devido a ausência da educação, do afeto e da humanização desde os tempos antigos.

O racismo, preconceito e violência, tem crescido de forma radical nos últimos meses, principalmente quando os governantes insinuam este apoderamento aos cidadãos e, sobretudo, na segurança pública, sem que haja cautela e discernimento antes de cometer qualquer ato imprudente, fazendo com que pessoas sejam cada vez mais vitimadas e sem qualquer direito ativo na prática que as defendam, principalmente quando se trata da realidade periférica e negra.

Todas essas negligências nas questões pautadas nas letras de rap aqui apresentadas, são protestos contra o sistema e uma sociedade que marginaliza o negro, o pobre e qualquer pessoa que não se encaixe dentro dos padrões da sociedade que tanto exige um estereótipo europeu, mas, que não muda seus sistemas para que se iguale aos países desenvolvidos em questão da educação.

Dessa forma, podemos analisar diante dos discursos apresentados, que as questões sociais no Brasil ainda são muito ignoradas e principalmente desvalorizadas, mormente quando se trata de educação, cujo sistema está cada vez mais defasado e escasso de apoio das políticas públicas.

Quando não se tem apoio governamental suficiente que assegurem, de fato, essas indagações como algo importante para o país, restam apenas usar da arte para contribuir na divulgação de informações verídicas como forma de manifesto social, proporcionando maior reflexão sobre as condições desumanas que o país vem enfrentando e resistindo a favor da vida e seu refinamento humano.

Lutamos tanto por uma emancipação social, mas diante dessas crueldades, percebo que a emancipação que todos necessitam, primeiramente, é a mental, só então poderemos viver em sociedade.

Desta forma, considero que:

“O preto é ser humano.
Tem dor, chora, tem medo.
O preto é gente.
Sangra, sente o desespero.
De uma sociedade que o vê como indigente.
Ancestrais que tanto fizeram pelo país desde que o Brasil foi invadido por
inconsequentes.
(e isso ainda não mudou)
O preto quer também ser reconhecido, aceito e visto como alguém que...
O preto quer ser visto como alguém.
O preto é de carne e osso.
E se hoje a pele clara está no alto, é porque o preto foi obrigado a servir de
tapete.
Sendo pisado, humilhado e exposto à tortura.
(e isso ainda não mudou)
Permanecendo com correntes que até hoje aprisionam.
Se não é no pulso, é na mente, nos atos, nas falas.
Mesmo que “indiretamente”.

Ou melhor, “foi sem querer”.
“Mas tu nem é tão preto assim, é morenin”.
“Café com leite”.
Mas sentimos a dor, o preconceito, o racismo, a injustiça, a exclusão, a
crueldade desde que nossos ancestrais foram libertados, e desde então,
lutamos por emancipação.
Seguimos resistindo.
Querendo uma vida livre.
Querendo vida.
Sem traumas.
Sem costas marcadas.
Sem sangue derramado.
Com direitos assegurados diante das brutalidades.
Com oportunidades de mostrar o quanto somos capazes de viver em
sociedade!”

Letícia Ferreira da Silva.

REFEFÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Carla Coelho; RUA, Maria das Graças; WASELFISZ, Julio Jacobo. **Gangues, galeras, chegados e rappers**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ANDRADE, Elaine Nunes de. **RAP e educação. RAP é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999.

ANDREWS, George Reid. “**O protesto político negro em São Paulo (1888-1988)**”, *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 21, Rio de Janeiro, 1991, p. 32.

ASSUMPÇÃO, Gleice Aparecida de. **As representações sociais do rap brasileiro na mídia regional da cidade**. 2009. 295 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

BARBOSA, Patrícia Oliveira. **RAP e identidade social: um estudo de caso**. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

EBLE, Laetícia Jensen. **Uma quebrada que fala, uma periferia que se escreve: literatura e movimento hip-hop**. In: **IV Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea – Fórum dos Estudantes Brasília**, 25 a 27 de junho de 2012, p. 44-51. Disponível em: https://www.academia.edu/3386972/Uma_quebrada_que_fala_uma_periferia_que_se_escreve_literatura_e_movimento_hip-hop acesso 02 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 1996, p. 76. Disponível em: http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338 acesso em 25 out. 2019.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Classes, raças e democracia**, São Paulo, Editora 34, 2002, p. 88.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **USOS DA CULTURA**. In: SISTEMA & GESTÃO. Revista Eletrônica. Vol. 7, número 2. Rio de Janeiro, 2012, p. 134-142. Disponível em:
<<http://www.revistasg.uff.br/index.php/sg/article/view/V7N2A1>> Acesso em: 10 set. 2019.

PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo: luta e identidade**, São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1993.

SALLES, Ecio. **Poesia Revoltada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007

SILVA, José Carlos Gomes da. **Arte e Educação: A Experiência do Movimento Hip Hop Paulistano**. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **RAP e educação. RAP é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999, p. 23-38.

TELLA, Marco Aurélio Paz. **Rap, Memória e Identidade**. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **RAP e educação. RAP é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999, p. 55- 63